

CAPÍTULO 2



“Eu adoro a minha pele negra”: uma análise sobre memória social e interseccionalidade sobre a vida de Carolina Maria de Jesus ¹

Monique Valgas Ferreira, Lúcia Regina Lucas da Rosa

Introdução

As obras *Diário de Bitita* e *Quarto de despejo – diário de uma favelada* têm autoria de Carolina Maria de Jesus, protagonista desta análise. A autora foi moradora da favela do Canindé, localizada em São Paulo, em meados de 1950. Com base nas referidas obras, este texto versa sobre a perspectiva de Carolina Maria de Jesus como uma fonte para compreender questões relacionadas a memórias subterrâneas/sensíveis e interseccionalidade. Essas análises servem como fonte para uma metodologia de ensino da disciplina de História, voltada para as escolas públicas de Ensino Médio da Região Metropolitana de Porto Alegre/RMPA desde o ano de 2017. Compreende-se essas obras como uma fonte profícua, visto que muitas publicações de escritoras negras foram invisibilizadas ao longo da história.

Considerando-se que no contexto histórico brasileiro há ausências de representatividade de mulheres negras como protagonistas de suas próprias narrativas, a literatura foi uma das alternativas encontradas por pessoas que foram silenciadas. Carolina, em suas obras, demonstra sua enorme vontade de sair da favela e mudar seu contexto socioeconômico pelo intermédio da literatura, tornando-se escritora. Utilizar o diário e outras escritas de si, tornam-se uma fonte para os estudos relacionados à memória. Segundo HALBWACHS (1990), o lugar e o grupo estão interligados, o espaço ocupado por esse grupo reflete a sua

¹ Parte deste artigo, mais especificamente no que diz respeito ao estudo da peça *Vaga carne*, foi desenvolvido a partir de um texto de minha autoria publicado em setembro de 2020 nos Anais do Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços.

estrutura de vida, incidindo, assim, no meio material, visto que não seria possível lembrar sem essa interação. Dessa forma, os relatos de violência, racismo, gênero que Carolina vivenciou e expressou em suas obras são frutos de todo o contexto social ao qual ela foi exposta.

Conforme Hirata (2014), o termo interseccionalidade é utilizado inicialmente na língua inglesa e reporta à questão de gênero e classe. Desse modo, utilizar esse recorte teórico é de suma importância para a pesquisa, visto que a Carolina Maria de Jesus sempre foi posta à margem da sociedade e teve sua obra desvalorizada dentro do contexto literário brasileiro por ser mulher, negra e favelada. Segundo Carla Akotirene, em sua obra denominada *Interseccionalidade*:

Para a mulher negra inexistente o tempo de parar de trabalhar, vide o racismo estrutural, que as mantém fora do mercado formal, atravessando diversas idades no não emprego, expropriadas; e de geração infantil, porque deve fazer o que ambos – marido e patroa – querem, como se faltasse vontade própria e, o que é pior, capacidade crítica (AKOTIRENE, 2019, p. 26 - 27).

Diante dessa situação existente no Brasil, constatamos a necessidade de levar o tema para a educação formal, pois na escola, além da convivência pluralizada, cada criança leva para a própria casa o que ali aprende. Assim, é importante planejar o ensino a partir de obras ficcionais que levem o leitor a compreender as diferenças sociais e a valorizar o que há de característico de cada situação.

A obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada* está sendo utilizada como fonte para uma metodologia de ensino de História e Humanidades com uma proposta interdisciplinar, com o intuito de aproximar os alunos e alunas participantes dessas oficinas a conteúdos, que são distantes de suas realidades. Porém, para a construção coesa dessa metodologia, são necessárias análises teóricas, pois as disciplinas voltadas às humanidades devem ser estudadas conforme inquietações atuais, utilizando como cerne questões sociais, raciais, gênero entre outras. Não basta estudar o passado e não ter ação no presente, é necessário dar sentido a ele e analisar suas contribuições do aprendizado para com o presente (PINSKY; PINSKY, 2018, p. 22 - 24).

Nesses termos, o problema que orientou a pesquisa descrita no presente texto é: Como é possível utilizar a escrita de Carolina Maria de Jesus como material didático para estudos de interseccionalidade e memórias subterrâneas? Buscando respostas para tal indagação, o texto está dividido da seguinte forma: primeiramente, apresenta-se a biografia da autora e alguns detalhes de duas de suas obras; na sequência, trechos das obras *Diário de Bitita* e *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, relacionando-os à temática de memória e interseccionalidade; finaliza-se compartilhando algumas ponderações sobre a construção de uma metodologia de ensino para a disciplina de História e Humanidades.

Escritora Carolina Maria de Jesus e seus diários

A biografia da escritora Carolina Maria de Jesus foi escrita por Eliana de Moura Castro e Marília Novais de Mata Machado na obra *Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus*. Mulher, negra, favelada, escritora e Doutora *Honoris Causa* da Universidade do Rio de Janeiro, título esse adquirido em 2021. Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914 na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais. Estudou somente por dois anos de sua vida, aprendendo a ler e a escrever. Suas vivências foram sempre cercadas pela miséria. Assim, Carolina trocou de emprego diversas vezes. Durante sua vida, trabalhou como faxineira, cozinheira, babá, vendedora, trabalhou para famílias de grande poder aquisitivo, tais como: políticos, juízes, dentistas, inclusive apresentou-se como artista em circos (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 28). Em meados de 1937, Carolina mudou-se para São Paulo com uma perspectiva construída antes de realizar a viagem, a qual descreveu posteriormente em sua obra *Diário de Bitita* “Até que enfim eu ia conhecer a ínclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam-se como se fossem para o céu.” (JESUS, 2014, p. 205)

Entretanto, a realidade com que ela se depara é o oposto de suas expectativas. Por volta de 1950, Carolina torna-se moradora da favela do Canindé, localizada às margens do rio Tietê. Como escreveu em sua obra *Quarto de despejo* datado em 7 de junho de 1958:

... Nós somos os pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos.

Mãe de três crianças, catadora de papel, utilizava os papéis que encontrava na rua como diário descrevendo sua rotina e vivências. Esse diário tornou-se a obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, composto pelas escritas originais da autora com relatos de miséria, preconceito e violência experienciados entre quinze de julho de 1955 e primeiro de janeiro de 1960. Ainda sendo moradora da favela, Carolina vê sua obra sendo publicada com o auxílio do jornalista Audálio Dantas em 19 de agosto de 1960.

A escritora consegue comprar sua casa própria e deixa de ser moradora da favela do Canindé, faz a publicação de sua outra obra “*Casa de alvenaria*”. O dinheiro recebido proveniente das suas publicações não era o suficiente para se manter, assim, com muitas dívidas, muda-se para um terreno em Palheiros. A saúde de Carolina tornou-se mais frágil, tendo logo sofrido um derrame. Passou seus últimos dias na casa do filho, José Carlos. Faleceu em 13 de fevereiro de 1977, devido a um ataque de bronquite asmática.

Referente à obra *Diário de Bitita*, trata-se de memórias de infância e não possui a escrita original da autora. Os manuscritos que deram origem à publicação foram entregues pela própria escritora a uma repórter brasileira. Porém, a obra só foi editada e teve sua primeira publicação na França, em meados 1982, postumamente, denominada *Journal de Bitita*.

Tais textos são significativos de análise em se tratando de realidade social, pois os registros de um diário nos levam à credibilidade da escrita, na medida em que nos remete à memória de acontecimentos vividos, com suas “reflexões registradas de forma ficcional ou como documento da realidade em registro pessoal. São escritas referentes à própria vida, muitas vezes, adjetivado de ‘íntimo’, ‘pessoal’ e outras designações semelhantes” (ROSA, 2017, p. 95). O uso da linguagem no presente, visto que o diário é escrito no momento em que se vive a situação, proporciona visão de época, mesmo que se trate de passado remoto. Além disso, as cenas descritas, normalmente, são marcantes na vida de quem escreve e tornam-se um retrato do cotidiano, uma vez que a pessoa seleciona o que vai escrever, aquilo que merece ser guardado como memória. Essa seleção serve como indicativo do que importa para quem escreve, pois seria impossível dar conta da totalidade da vida. Mesmo que haja acréscimos de informação, indo além da realidade, ainda assim é um registro importante por revelar posicionamentos e possibilitar inferências acerca de ideias sobre diversas situações da vida. Os registros de cenas esporádicas, muitas vezes, não revelam um todo, são fragmentos que o leitor necessita juntar pela sua interpretação e compreensão dos fatos. Quem escreve um diário tem em sua mente a conexão de todos os relatos entre si e, sem se dar conta, omite detalhes que poderiam esclarecer melhor os fatos. Cabe ao leitor juntá-los, fazer inferências e buscar a ligação do todo textual, seja por nomes de pessoas, datas de ocorrências ou por relações mais complexas como causa e consequência, temporalidade, finalidades e estabelecer coerências. O caráter de descontinuidade (ROSA, 2017) ocasionado por cortes discursivos aproxima mais o leitor do texto porque permite-lhe participação e, em muitos casos, uma coconstrução. O diário não necessita ter linearidade, esse é o papel do leitor e do estudioso quando se debruça a estudá-lo, o que pode, inclusive, proporcionar leitura em profundidade ao ler e reler para ligar fatos e, até mesmo, associando eventos não explicitamente previstos.

Memórias sensíveis e interseccionalidade

A literatura é uma fonte profícua para se reconstruir as memórias subterrâneas e sensíveis, além de compreender questões relacionadas a gênero dentro do Brasil contemporâneo. Segundo Michael Pollak em seu artigo *Memória, Esquecimento, Silêncio* (1989), os registros feitos através da arte, literatura entre outros são demonstrações de resistência. Conforme Pollak (1989, p. 3)

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.

Nas obras da escritora Carolina são comumente citados temas relacionados à violência no geral, mas há também relatos de violência doméstica presenciados por Carolina, que segundo seus relatos, por diversas vezes chama a polícia e, ou interfere nas brigas. Em suas escritas fica muito clara a decisão da própria autora em não se casar e criar os filhos sozinha, pois tem medo da violência e não quer deixar em segundo plano o hábito da leitura e escrita. Em 19 de julho de 1955 Carolina escreveu em sua obra “Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais.” (JESUS, 1960, p. 20). Esse trecho é uma narrativa profícua de análise, pois Carolina descreve o papel que é imposto para a mulher, e por não ser um caso isolado representa os estereótipos que elas mesmas sofrem, agravando as mazelas enfrentadas por essas mulheres de acordo com sua classe social. Segundo Akotirene, isso pode ser compreendido se associado ao conceito de interseccionalidade.

O pensamento interseccional explicou a matriz de opressão cisheterossexista, etária, divisora sexual do trabalho, segundo a qual na minha tradução: as mulheres negras eram trabalhadoras nas casas das “mulheres brancas instruídas”, chegavam em casa e tinham o dinheiro tomado por “maridos ociosos”, bastante ofendidos porque não havia “comida pronta dentro de casa” (AKOTIRENE, 2019, p. 26).

Apesar da obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada* ter sido um sucesso, sendo traduzido para 13 línguas, Carolina não conseguiu uma ascensão social sólida. A obra é repleta de denúncias sobre a realidade do modo de vida que as pessoas enfrentavam às margens dos centros urbanos em formação. A autora, incisiva em suas escritas, traz à luz uma realidade de muitos brasileiros na década de 1950 e da atualidade. Assim, não é bem recebida por uma parte da sociedade que ignora os que estão à margem.

Ela e a mídia entram em conflito. A imprensa ridiculariza cada gesto inadequado de Carolina, acusa-a de imitar as classes dominantes no seu modo de vestir e mente ao noticiar que ela ia constantemente aos restaurantes mais caros. Mas Carolina precisa da mídia para continuar na ribalta e, a partir de certo momento, força a mão para que isso ocorra. Mas a novidade, como tudo mais, passa, deixando um gosto amargo para quem já foi estrela. É patente a má vontade da mídia, que trata de forma preconceituosa a tentativa patética de Carolina de permanecer em evidência (JESUS, 1960, p. 76).

Portanto o processo de esquecimento pode ser relacionado a alguns fatores além do trauma. Em relação a essa pesquisa, também há o papel do Estado em negar o direito do negro e da mulher a sua própria memória. Esse tema foi abordado por Assmann (2011, p. 26):

Chama a atenção o fato de que a arte começa a se ocupar mais fortemente da memória justamente no momento em que a sociedade faz pressão para que a memória se perca ou seja apagada. Nesse contexto a memória artística não funciona como armazenador, mas estimula os armazenadores, ao tematizar os processos de lembrar e esquecer.

Portanto, esta pesquisa leva em consideração a necessidade de ressaltar esses direitos, tratando como tema de ensino os relatos de Carolina Maria de Jesus em situações de sala de aula por meio de seus livros. A arte literária traz possibilidades de compreender a sociedade e a atuação de indivíduos que colaboram para a sua melhoria, fazendo com que busquemos, a partir de uma situação real, criar material didático que vai além das propostas tradicionais que por tantos anos sustentaram o ensino escolar. Além disso, este estudo atende ao que preconiza a Lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação escolar básica.

Considerações finais

A obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada* foi uma ferramenta para denunciar as mazelas enfrentadas por muitos brasileiros que eram postos à margem da sociedade que estava passando por um processo de urbanização. Carolina Maria de Jesus cita em sua obra, na data de 30 de maio de 1958 “O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pingã” (JESUS, 1960, p. 47). Para a questão de memória social é de suma importância as narrativas de Carolina referentes ao contexto social no qual estava inserida. Suas memórias e os recortes que fez ao escrever suas obras mostram os detalhes, cheiros que marcaram sua memória e caracterizam a favela do Canindé. Essas obras em estudo corroboram com a crescente produção literária afro-brasileira e sua importância no cenário nacional. Segundo Rodrigo da Rosa Pereira (2016, p. 77), há um “poder contestatório e insurgente dessa literatura, frente a processos culturais resistentes a mudanças” e esse poder também pode ser exercido por professores e alunos na medida em que a literatura afro-brasileira se torne cada vez mais tema de estudo, no que a literatura tem essa possibilidade

com mais ênfase pela vivência de seus personagens. Neste caso, ao tratarmos de livros-diários, essa força se torna mais verossímil, portanto, mais eficaz para o propósito de conhecimento, conscientização e integração de ideais de igualdade social. Rodrigo (2017, p. 224) conclui que “a arte literária dominante, enquanto construto discursivo e ideológico, explica lugares de subalternidade e marginalização relegados à mulher afrodescendente, essas escritoras efetuam uma operação de resgate e revitalização da história e do cânone da literatura brasileira.” Com isso, é possível revisar o imaginário da literatura brasileira, acrescentando a herança da ancestralidade e tornando visível a representatividade negra brasileira. Diante de tantos anos de silenciamento, atualmente, as artes abrem-se para a mostra plural da cultura brasileira e, com isso, a literatura, por ser a arte da palavra, atinge propósitos explicitamente contestatórios contra a hegemonia dominante até então. É a valorização de nossas raízes, bem como dá sentido à multiculturalidade de nosso país e sua riqueza cultural, dando voz a uma literatura representativa de mulheres silenciadas em nossa sociedade.

A tabela abaixo inclui trechos do livro que foram selecionados para integrar a metodologia de ensino.

Tabela 1- Trechos das obras, classificados por título.

| Obra | Trecho do livro |
|-----------------------------|---|
| DIÁRIO DE BITITA (p. 43) | <p>- Graças a deus agora nós temos negros ilustres, temos um negro que canta nos discos e outro que dá receitas. As farmácias vendem os remédios que ele receita. O doutor Azevedo Costa tem um hospital que ele construiu.</p> <p>Eu era pequena e ficava ouvindo os velhos falarem, e pensava: “Eu não hei de morrer sem conhecer o doutor Azevedo Costa. Como será que ele virou médico? Oh! Se me fosse possível virar doutora...eu ia ser doutora Bitita”.</p> |
| DIÁRIO DE BITITA (p. 95) | <p>Fui ficando triste. O mundo há de ser sempre assim: negro para aqui, negro para ali. E Deus gosta mais dos brancos do que dos negros. Os brancos têm casas cobertas com telhas. Se Deus não gosta de nós, por que é que nos fez nascer?</p> <p>Fui procurar a minha mãe.</p> <p>- A senhora pode me dar o endereço de Deus?</p> <p>Ela estava nervosa, deu-me uns tapas. Fiquei horrorizada: “será que a minha mãe não vê a luta dos negros? Só eu?”.</p> |

| | |
|-------------------------------------|---|
| <p>DIÁRIO DE BITITA (p. 95)</p> | <p>Eu lutava para fazer meus cabelos crescerem. Era uma luta inútil. O negro é filho de macaco, que vontade de jogar pedras.</p> <p>O meu prazer era ver uma menina branca suplicar-me: - bitita, atira uma pedra naquela manga para mim.</p> <p>Eu tinha alvo, era só jogar e acertar. Pensava: “Mesmo sendo preta, tenho alguma utilidade”.</p> |
| <p>Quarto de despejo</p> | <p>7 de junho de 1958: “...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensores da pátria. Então eu dizia para a minha mãe: - Porque a senhora não faz eu virar homem?</p> |
| <p>Quarto de despejo</p> | <p>16 de junho de 1958: ...Eu escrevia peças e apresentava aos editores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta.</p> |

Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Com essa seleção de trechos do livro, organizaremos debate e discussão com os alunos na escola em forma de oficinas a fim de identificar o modo de vida de uma favelada e destacar suas vivências em meio a preconceito social, os sentimentos e modos de reação da narradora. A partir da identificação de expressões como “se me fosse possível virar doutora”, “Deus gosta mais dos brancos do que dos negros”, “será que a minha mãe não vê a luta dos negros?”, “o negro é filho de macaco”, “mesmo sendo preta, tenho alguma utilidade”, “só lia os nomes masculinos como defensores da pátria”, “É pena você ser preta” será possível comparar com a realidade atual em busca de textos de jornal, internet e levantamento de mulheres negras com destaque social, bem como, sobre a realidade de comunidades em vulnerabilidade social.

Com esse trabalho, pretende-se ser mais uma voz em prol da formação de uma sociedade mais igualitária, respeitosa e plural. A escola tem papel fundamental nessa visão aberta e cidadã e cabe aos professores procurarem materiais e procedimentos didáticos inovadores e propulsores a uma melhor qualidade de vida para todos.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Editora Jandaíra, p. 17-56, 2019.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.
- CANDAU, Joël. *Preâmbulo. Memória e Identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2019.
- CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata. *Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte. C/Arte, 2007.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo soc.* Vol 26, n 1, 2014.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP editora, 2014.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *História na sala de aula conceitos, práticas e propostas*. O que e como ensinar. São Paulo: Contexto, p. 17 – 36, 2018.
- PEREIRA, Rodrigo da Rosa. *Perspectivas femininas afro-brasileiras em cadernos negros (contos)*: Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves. Rio Grande: Editora da FURG, 2016.
- POLLAK. M. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*. vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989
- ROSA, Lúcia Regina Lucas da. Escritas da memória – diário. In: BERND, Zilá e KAYSER, Patricia (orgs.). *Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura*. 2 ed rev e ampl. Canoas, RS: Editora Unilasalle, 2017. P. 95-97.